



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 18 de março de 2012

A CRÍTICA INDÚSTRIA PEDE SOCORRO OPINIÃO	1
DIÁRIO DO AMAZONAS FUCAPI ECONOMIA	2
DIÁRIO DO AMAZONAS Descarte correto é solução econômica e ambiental..... ECONOMIA	3
DIÁRIO DO AMAZONAS Reciclagem é negócio em expansão ECONOMIA	4
DIÁRIO DO AMAZONAS Nove em cada dez empresas incubadas garantem estabilidade..... ECONOMIA	5
DIÁRIO DO AMAZONAS Nove em cada dez empresas incubadas garantem estabilidade (CONTINUAÇÃO) ECONOMIA	6
DIÁRIO DO AMAZONAS Falta de estratégia faz indústria brasileira perder produtividade ECONOMIA	7

Manaus, domingo, 18 de março de 2012.

INDÚSTRIA PEDE SOCORRO

Apontada por estudiosos como uma das áreas que mais se ressentem de uma efetiva política de desenvolvimento, a indústria nacional poderá viver um novo e bom momento. A Comissão de Serviços de Infraestrutura (CI) do Senado aprovou na quinta-feira (15), o projeto de lei nº 430/2001, que altera a lei nº 9.991/2000 que dispõe sobre a realização de investimentos em pesquisa e desenvolvimento em eficiência energética por parte das empresas concessionárias, permissionárias e autorizadas do setor de energia elétrica do País. A alteração, proposta pela senadora Ana Amélia

(PP-RS), criará, se confirmada pelo Congresso Nacional, um real dispositivo de incentivo à inovação tecnológica. O PLS 430/2011 quando transformado em lei vai garantir que os projetos de iniciativa da indústria nacional tenham prioridade na concessão de financiamentos. Para o relator da proposta, o senador Francisco Dornelles (PP-RJ), a futura lei terá um papel de relevância numa política de estímulo à inovação tecnológica por parte da indústria nacional. O setor há muito reclama de uma atenção maior por parte do Governo Federal. E o governo sabe que reforçar a indústria nacional e promover a inovação tecnológica tornaram-se uma questão

estratégica. O desenvolvimento perseguido passa necessariamente por ações que assegurem a progressiva modernização ao parque industrial brasileiro. O País, entretanto, tem demonstrado dificuldades para, em meio aos critérios diversificados que ora envolvem a competitividade em todo o mundo, ter um bom plano, o que inclui fazer funcionar os mecanismos de controle no que se refere ao uso dos recursos públicos e à manutenção dos postos de trabalho. Quando olhada de Norte a Sul, a indústria nacional expõe uma série de gargalos enraizados que devem merecer a atenção das

equipes técnicas do Governo Federal e das próprias organizações representativas desse segmento. As divergências entre governo e as organizações empresariais, naturais e necessárias num ambiente democrático, não podem ser usadas para imobilizar a indústria. Todos, numa realidade assim, sofrerão as consequências com um País posicionando-se de forma muito acanhada no cenário internacional. Na última semana, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) fez um alerta e um apelo: "Não podemos deixar a indústria nacional acabar" e pediu medidas efetivas para enfrentar a estagnação nessa área.

FUCAPI



Rogério Pereira
Coordenador do Centro Geral
de Desenvolvimento
Tecnológico - CGDT
rogerio.pereira@fucapl.br

Nossa história tem marca e valor

Ao completar trinta anos de existência, a FUCAPI renova o compromisso de promover o desenvolvimento da Amazônia tendo como ferramenta principal a inovação tecnológica. Reunindo uma gama de profissionais prontos para o desafio de implantar na região um instituto de tecnologia de perfil ímpar, nossa marca sempre foi o pioneirismo. Por isso cabe registrar alguns marcos históricos, que representam o desenvolvimento de projetos tecnológicos ocorridos ao longo de sua trajetória.

Desde 1990, quando a FUCAPI desenvolveu e implementou um circuito integrado que foi inserido no primeiro "chip" desenvolvido na Região Norte, uma série de outros projetos inovadores foram e vêm sendo desenvolvidos pela Fundação. As tecnologias digitais, por exemplo, abriram novas frentes de trabalho em diversas áreas. Com o estabelecimento do padrão de TV Digital a ser seguido no Brasil, assistimos a uma reestruturação do modelo de negócios que é utilizado no mercado de televisão aberta no país. Nesta área, a empresa Envision Indústria de Produtos Eletrônicos Ltda. firmou convênio com a FUCAPI para aplicação dos recursos oriundos da Lei de Informática no desenvolvimento de um conversor de sinais digitais terrestres (Set-Top Box). O projeto visou o desenvolvimento de um Set-Top Box para o Sistema Brasileiro de TV Digital, o ISDTV, com todas as funcionalidades especificadas pelo Fórum Brasileiro de TV Digital como aquelas básicas para o aparelho.

Esta parceria permitiu ainda que a instituição pudesse consolidar sua competência no desenvolvimento de produtos eletroeletrônicos e ainda fazer a disseminação de alguns conhecimentos adquiridos através de sua área educacional ou de parcerias com empresas e/ou profissionais que atuam na área, contribuindo para o incremento do conhecimento dos profissionais da região no desenvolvimento de produtos, sempre utilizando novas tecnologias.

A FUCAPI também vem atuando em projetos na área

ambiental, entre os quais destaca-se o projeto de pós-tratamento de esgoto usando filtro raiz para áreas alagáveis, desenvolvido em parceria com a Fundação Nacional de Saúde - FUNASA. O projeto adapta tecnologia de filtro raiz (wetland) para atender à realidade da região amazônica, particularmente nas comunidades ribeirinhas, caracterizadas por moradias do tipo "palafita" e "flutuante". Foram implantados protótipos, em escala de laboratório e escala experimental, de sistemas de pós-tratamento de esgotos anaeróbios utilizando a tecnologia de filtro raiz.

Com o objetivo de apresentar uma alternativa de sustentabilidade ao homem do interior da Amazônia, o projeto Design Tropical da Amazônia, idealizado pela Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA, em 1999, foi operacionalizado pela FUCAPI a partir de outubro do mesmo ano, quando começaram as atividades de pesquisa nos municípios do interior do Estado do Amazonas, visando avaliar a possibilidade de implantação de núcleos avançados.

O projeto tem como objetivos específicos identificar materiais e formar recursos humanos visando a elaboração de peças que preservam a estética amazônica para produção e comercialização em escala, formando uma classe empreendedora regional, auto-sustentada, capaz de inserir seus produtos nos mercados nacional e internacional. Hoje, as peças do Design Tropical da FUCAPI ornamentam ambientes de trabalho em empresas públicas e privadas, tornando-se referência de bom gosto, arrojo, inovação e sustentabilidade em movelaria, tanto no Brasil quanto no exterior.

Estes três casos ilustram a abrangência do trabalho que vem sendo feito pela FUCAPI na área do desenvolvimento tecnológico. Tais desafios continuam a surgir a todo momento em nossa sociedade e precisamos de instituições e pessoas capazes de responder a estes desafios. O Amazonas e o Brasil podem contar com o nosso apoio.

Descarte correto é solução econômica e ambiental

O descarte correto resulta em benefícios ambientais, sociais e econômicos. A avaliação é do superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Mário Lúcio Reis. "Dependendo do tipo de produto, ele pode se tornar reciclado, tornando-se uma fonte alternativa econômica. Isso traz ganhos para quem recicla e para a natureza pois o reaproveitamento diminui a pressão sobre os estoques naturais", disse. Com o fortalecimento do apelo ambiental, a preocupação das empresas com o descarte de materiais nocivos também massificou. Segundo Reis, além do viés econômico-social, as organizações começaram a valorizar a questão ambiental. "Agora, os empreendedores querem mostrar para a sociedade uma imagem de empresas preocupadas com políticas ambientalmente corretas", disse. Criado em 2004, o Grupo de Pesquisas em Materiais de Engenharia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) desenvolveu dois principais projetos de aproveitamento de resíduos industriais. A equipe integra o Grupo de Pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil.

Uma das pesquisas baseia-se no aproveitamento dos resíduos da construção, setor considerado como um dos principais geradores de grandes volumes de materiais. O uso de resíduos de construção e demolição para aplicação em blocos de pavimentação considera a substituição parcial do Agregado de Miúdo por Agregado de Concreto Reciclado (ACR) um dos principais resíduos de demolição. "Os resultados apontam que a substituição de até 25% do seixo pelo Agregado de Concreto Reciclado produziu blocos com resistência melhores que aqueles produzidos com o concreto convencional empregando o seixo", explicou o vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, professor doutor Raimundo Pereira de Vasconcelos. O projeto aguarda parcerias com o setor industrial. Um outro projeto, em fase de conclusão, prevê a fabricação de blocos de concreto com a adição de resíduos de CD e DVD. O déficit habitacional brasileiro, o custo de produção e a busca de processos para aproveitamento de resíduos motivaram essa pesquisa. "Os resultados são muito bons quando comparados com os blocos produzidos com os materiais tradicionais", disse.

FRASE



Mário Lúcio Reis. Superint. do Ibama

Agora, os empreendedores querem mostrar para a sociedade uma imagem de empresas preocupadas com políticas ambientalmente corretas"

OS NÚMEROS

300.000

litros de óleo combustível utilizados do montante de 1,5 milhão consumidos por mês vão para o processo de rerefino.

RESÍDUOS

Coleta de resíduos tem alta de 53%

Segundo os últimos dados da Abetre, a coleta de resíduos cresceu 53% em cinco anos. O número passou de 7,3 mil toneladas em 2004 para 15,6 mil em 2009. Nesse período, o incremento médio foi de 16%. Considerando apenas os resíduos industriais, a elevação foi de 63,15%. O volume processado saltou de 2,9 mil toneladas em 2004 para 7,9 mil cinco anos depois.

A receita bruta advinda das coletas teve incremento geral de 66%, passando de R\$ 522 milhões (2004) para R\$ 1,5 bilhão (2009). Somente o faturamento com resíduos industriais teve alta de 77%. Na comparação 2004/2009, o salto foi de R\$ 304 milhões para R\$ 1,3 bilhão. O crescimento anual médio registrado é de 16% da quantidade processada e de 24% da receita.

Reciclagem é negócio em expansão

Tratamento e reaproveitamento de resíduos industriais e de combustíveis é impulsionado pelas indústrias do PIM

TEXTO Daisy Melo
FOTO Eraldo Lopes

MANAUS

Com o crescimento anual de 15% a 20% no faturamento, a Eternal Indústria, Comércio e Serviços se mantém como a única empresa local especializada na destinação de vários tipos de resíduos industriais. O índice reflete a corrida da indústria por selos ambientais. Segundo os últimos dados da Associação Brasileira de Tratamento de Resíduos (Abetre), a quantidade de resíduos industriais coletados chegou a 7,9 mil toneladas em 2009, 63% a mais do que o coletado há cinco anos.

No rerrefino de óleo lubrificante, a Eternal também é a única no Norte a realizar o processo com a coleta de 300 mil litros dos 1,5 milhão consumidos pelo mercado mensalmente. "Desse total, 60% é reaproveitado na nossa fábrica", informa o gerente Operacional Daniel Chaves. Há três anos, a empresa criou a Fortlub, indústria que possui produção de 200 mil litros por mês.

Disponibilizado há cinco anos pela Eternal, o rerrefino corresponde a 20% da demanda das atividades oferecidas pela empresa. São usuárias desse serviço postos de gasolina, autopeças, pontos de troca de óleo e concessioná-

rias de veículos e empresas do Polo Industrial de Manaus (PIM). A marca é comercializada nos Estados do Amazonas, Roraima e Rondônia.

Logística reversa

Praticante da logística reversa, a empresa coleta e recicla o que foi utilizado após a venda, como as embalagens plásticas dos óleos da Fortlub. "A fábrica é coletora, rerrefinadora e produtora". Os demais objetos plásticos coletados pela Eternal, assim como todo o papelão e materiais ferrosos, são destinados às empresas parceiras Cometias, Sovel e Coplast.

Além do rerrefino e do plástico, a Eternal oferece

destinação final com incineração e estações de tratamento de efluentes (doméstico e industrial). A empresa disponibiliza ainda serviços de destinação de resíduos sólidos - como Equipamento de Proteção Individual (EPIs) contaminados e tambores - e líquidos, como água contaminada com produtos químicos.

O preço atual do quilo de um resíduo sólido equivale a R\$ 1,20, no caso do EPI contaminado. Já o custo da água oleosa sai por R\$ 0,60 o litro. A coleta do óleo queimado é gratuita. "Com esse resíduo, é produzido óleo novo da mesma qualidade do refino e aprovado pela ANP (Agência Nacional de Petróleo)", disse o gerente

operacional.

A Eternal possui hoje uma carteira com 150 clientes. "A periodicidade de atendimento ocorre uma vez por mês ou de duas a três vezes por semana, depende da necessidade de cada empresa", disse. A indústria atende em 96 localidades do Amazonas e em Boa Vista (RR), expansão estadual que ocorreu há três meses.

O incremento dos investimentos em várias frentes também é reflexo do aumento da demanda da indústria. A empresa comprou de um terceiro incinerador, ampliou frota terrestre e naval (18 caminhões e seis balsas) e passou a ofertar serviços de rerrefino, centrifugação e filtragem de óleo lubri-

ficante.

Sem revelar números sobre a demanda, o gerente operacional disse que o crescimento da economia e o consequente aumento da geração de resíduos ocasiona a elevação das atividades na empresa. "Estamos trabalhando hoje na capacidade máxima", afirmou Daniel Chaves.

"Foi a identificação da crescente necessidade desses tipos de serviços no mercado que motivou a nossa introdução no ramo e vem incentivando o aumento gradativo dos tipos de serviços", disse Chaves. A Eternal iniciou suas operações oferecendo reparos navais e há nove anos presta soluções ambientais.

Nove em cada dez empresas incubadas garantem estabilidade

TEXTO Laís Motta
FOTO Jair Araújo

MANAUS

Como criar uma empresa? Como ter acesso ao mercado? Como ter um empreendimento estável? Essas são perguntas frequentes de microempresários que querem iniciar o próprio negócio, mas esbarram na falta de informação de como funciona o 'mundo dos negócios'. Esse foi o caso de Adriana Seixas, sócia da empresa de teste de Software, Softteste. "A ideia existia, mas estávamos perdidos no mercado", relata. Para casos como o dela, instituições privadas e públicas abrigam 'Incubadoras', entidades que dão aporte técnico a microempresas que querem se estabelecer no mercado.

No Amazonas, estudos do Centro de Incubação e Desenvolvimento Empresarial (Cide) revelam que nove em cada dez empresas incubadas dão certo após o término do período de incubação.

Segundo a presidente da Rede Amazônica de Incubadoras (Rami), Jane Moura, o apoio é dado através de cursos de capacitações, consultorias em diversas áreas, acesso a feiras, palestras, treinamentos e viagens. "As incubadoras são um elo de apoio entre empresa e mercado, disponibilizando serviços ou produtos", disse Jane.

A presidente da Rami explica que as incubadoras inicialmente são implantadas através de convênios com o Sebrae, que tem um programa de incentivo à criação desses mecanismos no Estado.

O gerente da Unidade de Acesso à Inovação e Tecnologia do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/AM), Marcos Lima, afirma que o papel do Sebrae é apoiar o empreendedorismo e os projetos de incubadoras são meios que garantem o suporte aos microempresários.

"Temos interesse em âmbito nacional de que as incubadoras tragam os reais benefícios para as empresas", disse. Marcos explica que as empresas que querem se 'incubar' se submetem a editais e depois de

aprovados possibilita o acesso a eventos e feiras até fora do Estado.

Para o sócio da empresa de marketing digital com foco em redes sociais Living, Hugo Lima, ter um negócio apoiado por uma incubadora dá credibilidade para quem está começando. "O teu cliente pode de repente te ver como um aventureiro, mas quando você fala que é incubado à instituição tal, eles te veem com outros olhos", relata.

Hugo faz questão de destacar ainda que o contato com professores especialistas dentro das incubadoras reforça a ampliação da rede de contatos da microempresa junto ao mercado.

Marcos Lima, do Sebrae, sugere que os microempresários que querem abrir uma empresa procurem uma incubadora com um plano de negócios, onde se especifica o tipo de empreendimento. O microempresário pode procurar também o Sebrae que indica, através de consultoria, qual instituição tem o perfil mais adequado.

FRASE



Hugo Lima.
Empreendedor.

O teu cliente pode, de repente, te ver como um aventureiro, mas quando você fala que é incubado à instituição tal, eles te veem com outros olhos"

OS NÚMEROS

89

Esse é o número de empresas incubadas no Amazonas, nas oito instituições que oferecem os serviços de incubação.

Nove em cada dez empresas incubadas garantem estabilidade (continuação)

VALOR ACESSÍVEL

Incubação requer investimento mínimo de R\$ 150

O Amazonas tem oito incubadoras implantadas e em funcionamento nas instituições Centro de Incubação e Desenvolvimento Empresarial (Cide), Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Faculdade Martha Falcão, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA), Instituto Federal do Amazonas (Ifam), Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação (Fucapi), além da Incubadora Tecnológica de Autazes (Inta), a única do interior. Aproximadamente, 89 empresas estão distribuídas nas oito instituições, conforme informou Marcos Lima. Segundo o

gerente do Sebrae/AM, cerca de 10% das firmas não conseguem 'sobreviver' após o processo de incubação.

Em geral, existem duas modalidades de incubação: residente que são aquelas que ocupam um espaço na instituição, além de receberem consultorias e outros serviços; e associada, que são empresas com escritório próprio e também recebem consultoria e capacitação. Os valores pagos mensalmente variam dependendo da estrutura da incubadora. O Cide, por exemplo, oferece espaço com laboratórios, salas de treinamento, auditório, além de equipe administrativa ao custo de

R\$ 700 mensais para empresa residente. Já na modalidade associada, o valor é R\$ 250. Atualmente, o Cide tem 33 empresas incubadas nos segmentos de alimentos, cosméticos, bebidas, laboratório, tecnologia da informação, reciclagem e relojoeiro. Em 2011, o Cide teve um aumento de 15% no número de empresas incubadas, informou o diretor-executivo do Centro, Eduardo Alves. Fredson Andrade é sócio da Fabric, empresa de informática que foi residente no Cide e agora recebe apoio na condição de associada. "Foi uma espécie de estágio que nos deu base para sermos mais consistentes no

mercado", afirma. A empresa está expandindo para sua terceira instalação. Já a Incubadora de Negócios da Faculdade Martha Falcão apoia seis empresas nas áreas de Tecnologia da Informação, Marketing Digital, Gestão de Qualidade e Design. Empresa residente paga R\$ 250 mensal e associada, R\$ 150. A instituição lança dia 20, um edital com oito vagas para a modalidade associada, uma para empresa-residente e três para modalidade hotel de projetos, onde os projetos ficarão seis meses, enquanto são realizados planejamentos e pesquisa mercadológica.

Falta de estratégia faz indústria brasileira perder produtividade



Para Ipea, Brasil vive processo precoce de desindustrialização

OS NÚMEROS

5,7%

foi quanto caiu a produção da indústria de transformação entre 2008 e 2011 no Brasil. No mesmo período, o setor financeiro cresceu 23,1% e a extração mineral, 12,8%, segundo dados do Ipea.

▼ Ipea concluiu que está se criando uma 'economia ruim'

TEXTO Agência Brasil
FOTO Eraldo Lopes/08/11/11

RIO DE JANEIRO

A falta de uma estratégia nacional de desenvolvimento está contribuindo

para acabar com o setor industrial do País, sobretudo, o da indústria de transformação.

A conclusão é do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Para o instituto, a falta investimento em infraestrutura também acentua o

processo atual de desindustrialização precoce no Brasil.

De acordo com o pesquisador Roberto Messenberg, a falta de dinamismo e competitividade industrial está favorecendo o crescimento do peso relativo de serviços de má qualida-

de no Brasil e criando uma economia ruim.

“Acho que o governo está lidando com alguns aspectos do problema de maneira muito pontual, com efeitos de curto prazo. O setor público precisa organizar o processo de inves-

timentos da economia. Em alguns setores, ele mesmo pode investir, em outros, fazer a concessão, criar as normas de exploração. Enfim, ele precisa de uma estratégia. Está faltando esse processo de socialização da decisão de investimento”.